



A História de Erika

NOTA DA AUTORA

Em 1995, quando se cumpriam cinquenta anos sobre a Segunda Guerra Mundial, conheci a protagonista desta história.

Eu e o meu marido estávamos sentados num banco em Rotemburgo, na Alemanha, observando como uma equipa de limpeza recolhia pedaços de telhas da Casa do Conselho. Um pequeno furacão devastara esta formosa vila medieval na noite anterior e espalhara cascalho por todo o lado.

Um comerciante já idoso estava ao nosso lado, a contar-nos que aquela tormenta fizera mais estragos do que o último bombardeamento aliado durante a guerra.

Quando o comerciante voltou para a sua loja, a mulher que estava ao pé de nós apresentou-se como Erika.

Perguntou-nos se estávamos de viagem. Quando lhe contei que acabávamos de passar duas semanas em Jerusalém por causa de uma investigação, disse, com um suspiro, que sempre desejara ir a essa cidade, mas que nunca o pudera fazer.



Reparei que trazia ao pescoço uma corrente de ouro com uma estrela de David, de forma que comentei que, depois da nossa estadia em Israel, voltáramos pela Áustria e visitáramos o campo de concentração de Mauthausen. Erika disse-me que em certa ocasião chegara até às portas de Dachau, mas que não chegara a entrar.

Depois, contou-me a sua história...



Entre 1933 e 1945, mataram seis milhões dos meus. Muitos a tiro. Muitos queimados nos fornos crematórios, asfixiados nas câmaras de gás ou mortos de fome. A mim não me mataram.

Nasci em 1944.

Não sei o dia.

Não sei que nome me puseram.

Não sei em que cidade nem em que país vim ao mundo.

Tampouco se tive irmãos.

O que sei é que, quando tinha apenas uns meses, me salvaram do Holocausto.

Muitas vezes, tento imaginar como era a vida da minha família, e como foram as últimas semanas que passei com ela. Penso nos meus pais, privados de tudo o que tinham, expulsos da sua casa e transferidos para um gueto.

Mais tarde, quem sabe, talvez nos tirassem do gueto. Os meus pais deviam estar impacientes por abandonarem aquele bairro rodeado por arame farpado em que os tinham fechado, e por fugirem do tifo, da sujidade e da fome.

Mas imaginavam eles onde iriam acabar?

Disseram-lhes que os iam transferir para um lugar melhor? Prometeram-lhes trabalho e comida?

Terão ouvido falar dos campos da morte?



Pergunto-me o que sentiram enquanto os levavam em manadas para a estação, juntamente com outras centenas de judeus. Acumulados num vagão para gado, de pé e sem se moverem.

Terão sentido um arrepio ao ouvirem como as portas se fechavam?



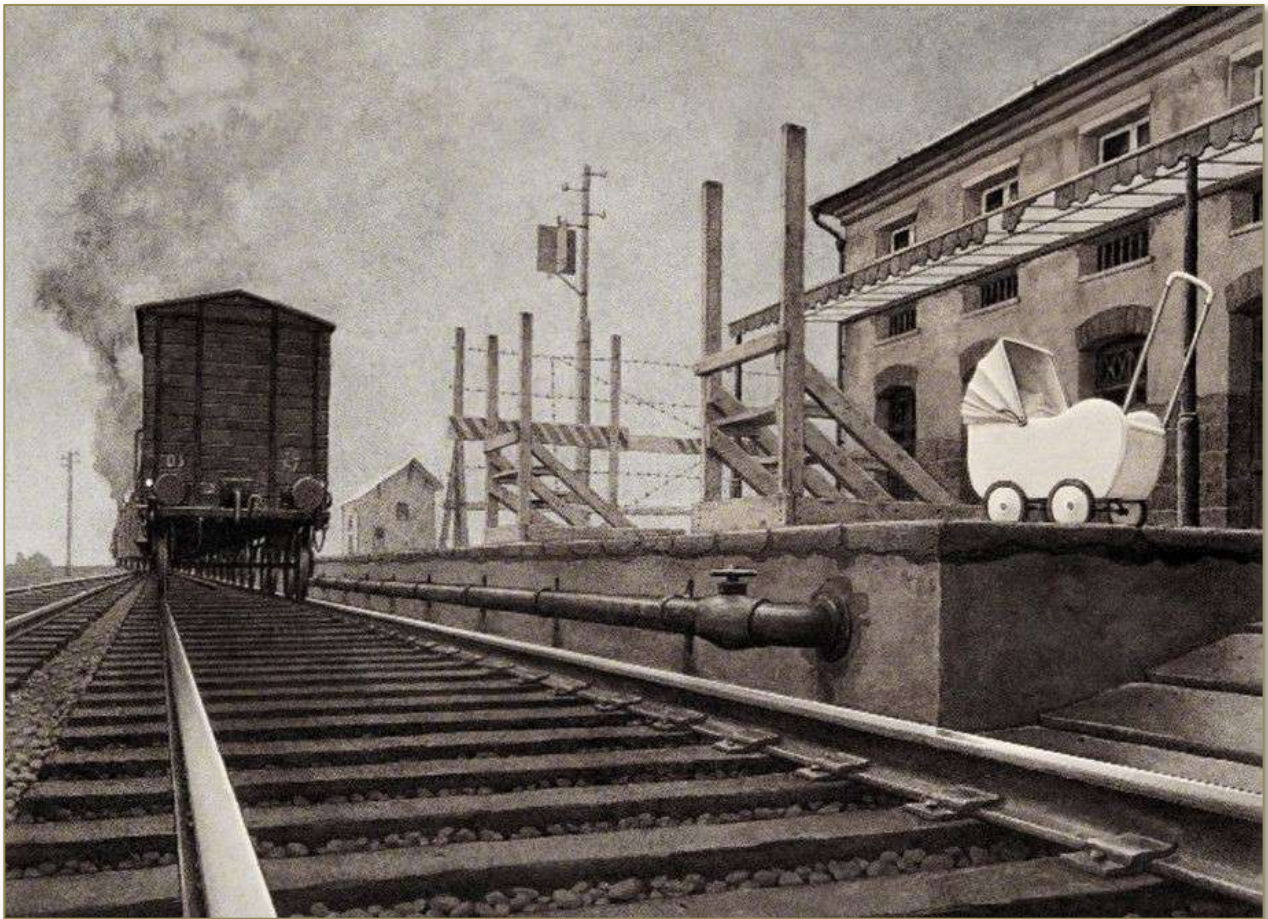
O comboio devia ir de vila em vila, passando por paisagens idílicas estranhamente alheias ao terror.

Quantos dias terão passado naquele comboio?

Imagino a minha mãe a abraçar-me para me proteger do mau cheiro, dos choros e do medo que envolviam aquele vagão.

Naquele momento, ela já devia saber que não íamos para bom lugar.

Pergunto-me em que parte do vagão viajava. Iria no meio? Estaria perto do meu pai? Dar-lhe-ia ele ânimo para não fraquejar? Terão falado do que poderiam fazer?



Quando terão tomado a decisão?

Ter-lhes-á custado muito passar por entre toda aquela gente para chegarem à parede de madeira do vagão?

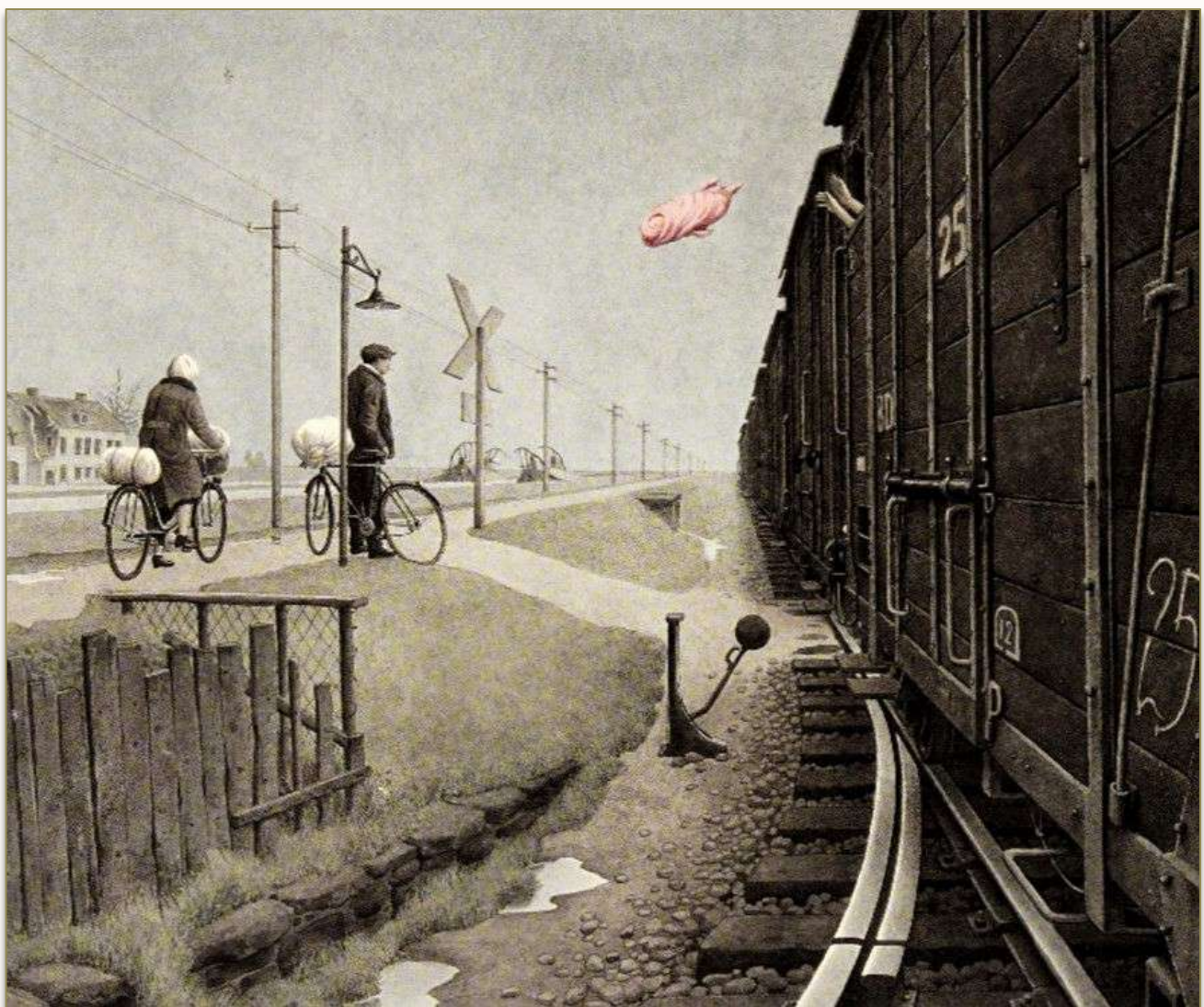
Terão dito: “Deixem-me passar, por favor... por favor... por favor...?”

Terão murmurado o meu nome enquanto me envolviam no calor de uma manta, e enchido a minha cara de beijos enquanto diziam que me amavam? Terão chorado? Rezado?

Ao passar por uma vila, o comboio decerto abrandou a marcha. A minha mãe terá olhado da janela do vagão. Com a ajuda do meu pai, forçou certamente o arame farpado que tapava a abertura e ergueu-me por cima da sua cabeça na direção da ténue claridade.

Só tenho a certeza do que se passou depois.

A minha mãe atirou-me para fora do comboio.



Caí num tufo de erva, logo depois de uma passagem de nível.

A gente que ali estava, aguardando que passasse o comboio, viu como me atiravam de um vagão de gado.

No seu caminho para a morte, a minha mãe lançou-me à vida.



Uma das pessoas que ali se encontravam apanhou-me, e entregou-me a uma mulher que aceitou ficar comigo.

Arriscou a sua vida por mim. Calculou a minha idade e deu-me uma data de nascimento.

Foi ela que decidiu que o meu nome seria Erika. Foi ela que me deu um lar.

Foi ela que me alimentou, me vestiu e me mandou à escola.

Foi bondosa comigo.



Quando tinha vinte e um anos, casei com um homem maravilhoso. Era ele quem me animava quando a tristeza se apoderava de mim, e compreendeu que o meu desejo era formar uma família. Tivemos três filhos, e agora também eles têm filhos. Nos seus rostos, vejo-me a mim.

Alguém disse que o meu povo seria tão numeroso como as estrelas do firmamento. Seis milhões dessas estrelas apagaram-se entre 1933 e 1945. Cada estrela apagada foi uma vida destruída, e também uma árvore familiar desenraizada.

Hoje a minha árvore volta a ter raízes.

A minha estrela ainda brilha no céu.

Ruth Vander Zee, Roberto Innocenti (il.)
A história de Erika
Lisboa, Kalandraka, 2007
(Adaptação)